

A NARRATIVA COMO MÉTODO NA PESQUISA COM IDOSOS E CRIANÇAS

NARRATIVE AS A METHOD IN RESEARCH WITH ELDERLY AND CHILDREN

Nara Mendes Moreira / UFG

RESUMO

O presente artigo se origina a partir das reflexões desenvolvidas durante a disciplina de Metodologia de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (PPGACV) da Universidade Federal de Goiás (UFG). O texto discorre acerca de motivações, incertezas e angústias do início de minha pesquisa de mestrado, a qual aborda o intercâmbio de narrativas e trocas de experiências entre pessoas idosas e crianças. Para cumprir essa finalidade foi escolhida a narrativa como método de pesquisa e o presente artigo, tem entre seus objetivos, falar brevemente sobre como aconteceu essa escolha. Neste trabalho, para abordar aspectos do método escolhido, faço um exercício de escrita que revisita também minhas lembranças de infância, o meu trajeto como professora e a minha chegada ao mestrado.

PALAVRAS-CHAVE

Metodologia; Pesquisa narrativa; Idosos; Crianças; Infância.

ABSTRACT

This article originates from the reflections that emerged during the Research Methodology discipline of the Postgraduate Program in Art and Visual Culture (PPGACV) at the Universidade Federal de Goiás (UFG). This text discusses the motivations, uncertainties and anxieties of the beginning of my master's research, which addresses the exchange of narratives and the exchange of experiences between elderly people and children. To fulfill this purpose, narrative was chosen as a research method and this article has among its objectives to talk briefly about how this choice happened. In this work, to address aspects of the chosen method, I do a writing exercise that also revisits my childhood memories, my journey as a teacher and my arrival in the Postgraduate Program in Art and Visual Culture.

KEYWORDS

Methodology; Narrative research; Elderly; Children; Childhood.

Ponto de partida

Ao iniciar a minha trajetória no mestrado, com a finalidade realizar uma investigação com um grupo de crianças e idosos¹, eu tinha uma certeza: queria compreender mais sobre as características da infância do passado e do presente, tendo como referencial as memórias das pessoas idosas envolvidas na pesquisa. Logo no início dessa aventura, percebi que para a realização do trabalho eu precisaria entrar em contato com a minha própria história e recordar as memórias de infância que me moviam a desenvolver tal pesquisa.

Passei a infância ouvindo as histórias que minha avó materna contava, ora relatando fatos reais de sua vida no campo, ora transformando contos de fada e lendas em histórias de sua própria vivência. Era gostoso ser embalada por aquelas histórias enquanto eu desmanchava o enorme coque acinzentado no alto de sua cabeça e ensaiava o trançar de seus longos cabelos.

As lembranças que tenho de minha avó estão envoltas pelos sentimentos de mansidão e calma que vinham sempre carregados pela sua oralidade. Minha avó era uma mulher simples que com o seu vestidinho de chita estampado, me fazia viajar nos encantamentos de suas narrativas elaboradas e ricas em detalhes. Cresci ouvindo histórias, cresci imaginando, cresci construindo visualidades do cruzamento entre o real e o imaginário.

As memórias construídas na relação vivenciada com minha avó suscitaram em mim o desejo de compreender como as narrativas contadas por idosos podem estimular positivamente no desenvolvimento do imaginário infantil. Ecléa Bosi expõe no livro intitulado *Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos* (1994) sobre a capacidade de transmissão de conhecimento por meio da riqueza e diversidade das narrativas orais contadas por pessoas idosas. Segundo a autora, “a conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte” (p.82). O contato com as memórias, que a autora caracteriza com um “tesouro” (p. 83), não apenas provoca a criatividade, mas também ajuda a construir visões de mundo.

Quando criança, eu pude ouvir as narrativas que minha avó criava muitas vezes com o intuito humanizar o conteúdo ou as lições que por ela eram apresentadas. Após a sua morte continuei perpetuando as narrativas que ela havia me apresentado, como uma maneira de manter vivo aquele rastro do imaginário que fora plantado em mim. Era comum durante as brincadeiras de “escolinha” contar essas histórias para as crianças da vizinhança ou mesmo recordar as narrativas para fazer meu irmão mais novo dormir.

A criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização. Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória. (BOSI, 1994, p. 73)

Minha avó, mesmo não tendo a cultura letrada, carregava consigo a capacidade de ver e transmitir o mundo por meio das narrativas orais. Essas narrativas que passeavam pelo real e imaginário contribuíram para a construção de repertórios visuais durante a minha infância e para composição de memórias afetivas que carrego comigo ainda hoje, além disso, essas vivências serviram como estímulo para o meu percurso acadêmico.

Mesmo sem ter muito conhecimento sobre a importância da literatura infantil na formação de crianças, quando ingressei no curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Goiás, cursei disciplinas que abordaram a literatura infantil. Para mim, era uma maneira de manter vivo o conhecimento herdado através das histórias contadas pela minha avó e guardadas na minha memória. Ao cursar tais disciplinas, constatei que a literatura está intimamente ligada às histórias orais desde o início de seus apontamentos. Cecília Meireles (1979), afirma que contar e ouvir histórias faz parte da tradição oral desde os primórdios e é assim que perpetuamos crenças e atribuímos significações sobre as práticas culturais.

Em minha trajetória acadêmica meu encantamento pela literatura infantil foi tamanho que, para realização do trabalho de conclusão de curso, optei por investigar a infância presente nos contos infantis de uma autora goiana publicados no *Suplemento Infantil Almanaque* do jornal *O Popular*². Essa investigação me possibilitou conhecer um pouco sobre as histórias contadas em nossa região. Por meio desta investigação constatei que a literatura em Goiás sempre esteve entrelaçada à memória e que muitas vezes foi e ainda é determinada pela oralidade do povo. De acordo com a pesquisadora Ione Maria Valadares:

Os contadores de casos vão recriando as versões conforme seu trabalho, crenças e seu modo de vida. Assim, essas histórias, inventadas ou não permanecem através de tempos, transmitidas dos mais velhos aos mais novos, como parte da história da própria cidade. (1983, p. 14)

Ciente da importância das narrativas orais e das experiências visuais para o desenvolvimento da infância, levando em consideração minha atuação como professora do Ensino Fundamental e da Educação Infantil, senti a necessidade de ampliar meus conhecimentos sobre o valor da tradição oral para o enriquecimento dessa fase da vida. Por isso, ao escrever meu projeto para a seleção de mestrado julguei pertinente investigar uma possível aproximação com os estudos da Cultura Visual entrelaçando as questões referentes à memória e à infância. Esse interesse é resultado da compreensão de que Cultura Visual aborda os processos de mediação entre as práticas culturais e as visões de mundo. De acordo com a pesquisadora Alice de Fátima Martins:

A cultura visual demarca, então um campo interdisciplinar, alinhado às abordagens pós-estruturalistas, com foco nas visualidades contemporâneas enquanto práticas culturais, seus fluxos, as relações que os sujeitos estabelecem com elas nas intrincadas dinâmicas das relações sociais. (2009, p.16)

Ao compreender que a Cultura Visual nos auxilia no processo da percepção que constrói sobre o mundo e lida diretamente com as formas como aprendemos a vê-lo, me propus a desenvolver uma investigação sobre como os idosos se relacionam com suas memórias de infância e quais são suas impressões sobre a infância presente. A intenção é buscar compreender como as histórias orais contadas por pessoas idosas podem contribuir para a construção de repertórios culturais e visuais de crianças, principalmente sobre como as crianças percebem a própria infância em relação às infâncias do passado e, especialmente, como as diferentes gerações percebem as histórias contadas.

Considero importante desenvolver essa pesquisa pautando-a em experiências estéticas e poéticas a partir das narrativas de pessoas idosas e como as crianças recebem e percebem essas histórias, pois acredito que essas experiências podem interferir positivamente nas percepções acerca de mundo e na construção de imaginários culturais, além poder auxiliar crianças e idosos na elaboração crítica e reflexiva de seus contextos locais.

Muitas angústias e uma pergunta: mas afinal, o que é metodologia?

Cursar as primeiras disciplinas no PPGACV foi um período de reverberação intensa. Questões foram reestruturadas, convicções quebradas, conhecimentos foram construídos e em meio a tanta desordem e incertezas um novo olhar foi surgindo.

A disciplina de *Metodologia de Pesquisa em Arte e Cultura Visual* foi uma das responsáveis pela ampliação de conhecimentos e descoberta de novos caminhos investigativos. O trajeto durante a disciplina não foi linear, tampouco fácil. Ao final de cada aula eu saía menos convicta, após as informações dos textos e contribuições dos colegas acerca das possíveis metodologias que até então eu desconhecia.

Conhecer a diversidade de métodos disponíveis para realizar uma pesquisa qualitativa me fazia mudar de ideia sobre o percurso a cada semana. Foi uma desordem necessária para que eu pudesse ter mais clareza das possibilidades que poderiam dialogar com minha pesquisa. Maria Paz Sadín Esteban fez um panorama teórico, histórico e conceitual da pesquisa qualitativa em seu livro *Pesquisa qualitativa em educação – fundamentos e tradições* (2010), de acordo com a autora:

Temos afirmado que cada método de pesquisa qualitativa em particular imprime uma marca própria ao projeto de estudo e, além disso, o que é muito importante, encontra-se influenciado pelas perspectivas teóricas e pelos fundamentos disciplinares que o informam. Os objetivos subjacentes aos diversos estudos qualitativos estão também intimamente relacionados às diversas metodologias de pesquisa existentes. (ESTEBAN, 2010, p. 132)

Dentre os pontos abordados em sala de aula, um dos mais importantes foi a necessidade de se ter clareza do seu objeto de estudo, para então, considerar os métodos a serem utilizados no decorrer da pesquisa. Essa reflexão é especialmente verdadeira em minha pesquisa, pois as narrativas aparecem não somente como objeto de estudo, mas também como ferramenta metodológica. Para o autor Uwe Flick:

Cada método na pesquisa qualitativa está baseado em um entendimento específico de seu objeto. Contudo, os métodos qualitativos não devem ser considerados independentemente do processo da pesquisa e da questão em estudo. Eles estão especificamente encaixados no processo de pesquisa e são mais bem compreendidos e definidos a partir de uma perspectiva orientada ao processo. (2009, p. 13)

Ao considerar a amplitude de possibilidades e adaptações do processo investigativo, comecei a refletir sobre a importância dos sujeitos envolvidos em minha pesquisa e me empenhei a pensá-los não apenas como objeto de estudo, mas como participantes ativos no processo de investigação. Para Ecléa Bosi, uma pesquisa deve

ser “um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa. E ela será tanto mais válida se o observador não fizer excursões saltuárias na situação do observado, mas participar de sua vida” (1979, p. 2). Empatia e afetos, então, são mais do que “sentimentos” dentro de uma pesquisa, são maneiras de encarar o sujeito envolvido na pesquisa e convidá-lo a colaborar ativamente no processo de construção e mediação de conteúdos.

Levando em consideração a importância da história de vida de crianças e idosos envolvidos em minha pesquisa de campo, me coloquei a pensar na narrativa como principal escolha para a realização da investigação que me propus fazer. A escolha deste método faz jus ao interesse pelas histórias contadas pelas pessoas pesquisadas e pela oralidade dos participantes envolvidos na pesquisa.

A pesquisadora Susan Chase (2015) afirma que a investigação narrativa pode ser considerada como um tipo de investigação qualitativa que gira em torno de detalhes biográficos. Para a autora esse tipo de investigação faz uma combinação de enfoques analíticos interdisciplinares e múltiplas metodologias:

creo que la investigación narrativa es aún un campo incipiente. Los investigadores que se inicien en esta área encontrarán una tradición rica pero difusa, metodologías múltiples en distintas etapas de desarrollo y un gran número de oportunidades para explorar nuevas ideas, método e interrogantes. (2015, p. 59)

Para CLANDININ, MELLO e MURPHY (2016) a narrativa é um método relacional do estudo das experiências entendidas narrativamente. De acordo com os autores esse método vai além de contar histórias, é uma parceria entre pesquisador e participantes na busca por entender experiências, “tanto a nossa, pessoal, e a dos participantes, quanto a experiência em si de conduzir uma investigação narrativa” (p. 581).

As leituras de textos científicos acerca das diferentes metodologias provocaram em mim reflexões impactantes sobre os possíveis caminhos metodológicos a serem seguidos, porém o exercício de análise de teses e dissertações proposto na disciplina Metodologia de Pesquisa em Arte e Cultura Visual foi decisivo para a escolha da narrativa como método de pesquisa.

Durante esta atividade entrei em contato com a tese *Saberes-Fazeres Cartografados à Partir das Memórias do Meu Avô* (2016)³ de Wolney Fernandes de Oliveira, que se mostrou como uma maneira fluida, afetiva e muito potente de se construir uma pesquisa. Essas características denotaram o valor híbrido do trabalho que se constituiu de maneira fragmentada, combinando procedimentos, reconhecendo

sujeitos e conectando autores capazes de fomentar um terreno fértil para a elaboração de uma narrativa carregada de sentidos e experiências.

A construção de uma pesquisa narrativa, composta por relatos daquilo que é sentido e experimentado, cotidianamente, pelas pessoas, procura valorizar uma escrita permeada por imprevisibilidades e variações de aprendizagens sobre nós mesmos e nosso contexto à partir do encontro com o outro. (OLIVEIRA, 2016, p. 26).

No caso de minha pesquisa, utilizo as narrativas como uma maneira de alinhar experiências contadas por pessoas idosas às aprendizagens construídas por crianças, sem a pretensão de reduzir uma à outra, compreendendo que narrar “pressupõe misturar afetos, produção de sentidos e, conseqüentemente, gerar novos relatos e diferentes percepções da experiência vivida” (OLIVEIRA, 2016, p. 40).

Para mim, o exercício de narrar vai além de demonstrar um interesse acadêmico, ele descortina, através da experiência, a minha própria história, dando pistas da trajetória a ser seguida em minha pesquisa e do modo como tenho me envolvido com a investigação.

A narrativa com idosos e crianças

Não é das mais fáceis tarefas encontrar literatura abordando as relações entre idosos e crianças, principalmente no campo da Cultura Visual. No entanto, infância e a velhice são, também, produtos de nossa subjetividade e em nossa sociedade é comum que a segunda seja compreendida como um momento de fragilidade e reclusão, enquanto a infância é encarada como uma fase delicada, de imaturidade e vulnerabilidade.

Para a pesquisadora Silvia Maria Azevedo dos Santos (2003) pesquisas que envolvem a infância e a velhice são árduas de serem realizadas, uma vez que mesmo já tendo vivido e experienciado a infância, quando nos lembramos dessa etapa da vida nos deparamos com fragmentos da memória que não são suficientes para compreender cientificamente as representações sociais de tal período. Além disso, muitas vezes construímos visões que perpassam o real e o ilusório sobre o passado e como consequência disso, um número muito restrito de referências adequadas ao levantamento bibliográfico é encontrado. Sobre isso, a pesquisadora expõe que:

[...] quando pensamos sobre a velhice, o que vêm à memória são os velhos que trazemos dentro de nós desde a mais tenra idade, nossos avós, avós de nossos amigos de infância, aquele velhinho que morava em nossa rua ou que era dono do bar da esquina. E são essas representações que nos permitem construir a priori categorias positivas ou negativas sobre a velhice. (SANTOS, 2003, p. 48)

A Cultura Visual como mediadora de visualidades e percepções auxilia-nos a enxergar as fases da vida de maneira mais desvelada, pois entende crianças e idosos como sujeitos sociais e históricos. Essa abordagem compreende que as memórias, práticas cotidianas e percepções sobre o mundo estão intimamente ligadas às vivências e experiências que obtivemos ao longo da vida.

De acordo com a professora Susana Rangel Vieira da Cunha (2008), a Cultura Visual contribui com as marcas culturais que constroem as identidades. A autora reflete acerca de imagens e representações que temos sobre nós mesmos, sobre o mundo e sobre os contextos socioculturais que estamos inseridos. Segundo ela,

Os significados das imagens são construídos nas interações sociais e culturais que realizamos com elas. Os contextos sociais e culturais, amplos ou específicos, e as pessoas, dão existência aos materiais visuais atribuindo-se significados. Portanto, o sentido não “emana” das imagens, mas dos diálogos produzidos entre elas e as pessoas, sendo que estes diálogos são mediados pelos contextos culturais e históricos. (2008 p. 211)

Pessoas idosas e crianças fazem parte de dimensões complexas que refletem os diferentes contextos sociais, históricos, políticos e hierárquicos nos quais estão inseridos. De acordo com a antropóloga Neusa Maria Mendes de Gusmão (2003), essas relações paradoxais são moldadas a partir da própria cultura que permeia os grupos e que muitas vezes priva esses sujeitos de um lugar próprio na sociedade, marginalizando-os. Para a Cultura Visual essas relações são particularmente interessantes quando analisadas a partir das maneiras de ver e ser visto. Esse estar marginal é uma característica que idosos e crianças compartilham, como propõe a antropóloga:

O velho e a criança são percebidos, então, como “seres entre águas marginais”, entre um passado e um futuro que fazem de seu presente um enigma para si mesmos e para a sociedade em que vivem. Diante do enigma, todos se perguntam sobre quem são e como é o mundo onde estão e se encontram. (GUSMÃO, 2003, p. 16)

Em convergência com essa ideia Brandão, Smith, Sperb e Parente (2006) escreveram um artigo no campo da psicologia abordando narrativas intergeracionais. Para os autores a interação entre crianças e idosos é extremamente benéfica, pois contribui

para a discussão de aspectos culturais e sobre a complexidade das relações interpessoais, já que ambos os grupos são movidos por um desejo de narrar, que muitas vezes lhe é negligenciado.

Neste contexto, tanto crianças como pessoas idosas tendem a ficar à margem de onde a “vida acontece”, e o espaço para contar e ouvir histórias vai se restringindo à disponibilidade circunstancial de um interlocutor ou a instituições que atendem separadamente cada faixa etária. As crianças, escutando histórias escolhidas e lidas por seus professores, e os idosos, tentando contar suas histórias de vida a quem tenha paciência para ouvi-las, são imagens mais realísticas no panorama do mundo contemporâneo. (BRANDÃO, SMITH, SPERB E PARENTE, 2006, p. 98)

A narrativa, objeto frequente de estudo de várias áreas do conhecimento é de suma importância para a sociedade, pois é utilizada para disseminar discursos, ideias, conceitos e eventos. De acordo com Brandão, Smith, Sperb e Parente (2006) para as crianças, a narrativa consiste em um instrumento de desenvolvimento cognitivo e emocional primordial, pois é através dela que desenvolvem a capacidade de relatar acontecimentos, interpretar regras, organizar a noção de tempo e estabelecer empatia pelo outro, se inserindo, assim, no mundo e na sociedade.

Ouvindo histórias sobre diferentes pessoas, com distintas perspectivas sobre o mundo, emoções e intenções, em diferentes lugares e épocas, a criança vai tomando consciência sobre seu próprio ponto de vista e existência situada num contexto específico. Começa a entender que sua história começa bem antes do que consegue lembrar, passando-se em lugares diversos, e se projetando para o futuro. (BRANDÃO, SMITH, SPERB E PARENTE, 2006, p. 99)

Para as pessoas idosas as narrativas também são fundamentais, pois é através delas que transmitem suas experiências de vida para as outras gerações. De acordo com Bosi (1994), os idosos demonstram um interesse especial de lembrar o passado, “de ser a memória da família, do grupo, da instituição” (p.63), já que não são mais membros tão ativos da sociedade, sendo assim, resta-lhes então, a função de lembrar.

Através dos diálogos diretos entre idosos e crianças existe um processo de mediação que não é unilateral, não é regido pelo poder e pelas construções sociais, como acontece nas relações entre adultos, mas é dirigido, sobretudo pelo afeto. Crianças e idosos se acolhem durante o exercício de narrar, compreendendo que ambos são produtores de conhecimento, mesmo que os adultos inclinam-se a deixá-los sempre à margem.

Desta forma, compreender a infância e a velhice como construção social e cultural, me leva a refletir sobre as narrativas já construídas em volta desses sujeitos e me desafia, em minha pesquisa de mestrado, a quebrar estereótipos e perceber as experiências de vida de cada sujeito de maneira singular. Esse não será um exercício trivial. Será necessário ter sensibilidade para compreender que a realidade social não se reduz ao que é “narrado e visível” (GUSMÃO, 2003, p. 22), ela precisará ser descoberta, ligando aquilo que está nas entrelinhas às práticas humanas para melhor compreendê-la.

Nessa perspectiva, durante a realização deste projeto, pretendo aproximar crianças do Centro Municipal de Educação Infantil no qual atuo como professora às pessoas residentes em um lar de acolhimento de idosos no sentido de promover um intercâmbio de experiências subsidiado por suas narrativas. Essa aproximação que a priori aconteceria com visitas dos grupos às instituições que atendem as crianças e as pessoas idosas participantes da pesquisa, tem sido repensada e tenho buscado redesenhar a maneira de efetivar esse intercâmbio, já que o atual cenário não permite uma aproximação presencial, devido à COVID-19⁴.

As experiências pessoais narradas anteriormente refletem minhas vivências como neta, mulher, professora e pesquisadora e mesmo com a realidade do distanciamento social, com o qual nos deparamos atualmente, essas experiências podem ajudar a responder o questionamento que move a investigação: **O que crianças e pessoas idosas podem aprender juntas ao trocarem experiências relacionadas às suas vivências de infância por meio de narrativas orais e produções visuais?**

Considerações finais

Os apontamentos elaborados durante a escrita deste artigo refletem as indagações acerca da pesquisa por ora desenvolvida e circundam as questões metodológicas que tem norteado a investigação de caráter narrativo.

Narrar não se limita a descrever fenômenos, relações e acontecimentos, assim como afirmaram os pesquisadores Raimundo Martins e Irene Tourinho (2009). Para os autores o ato de narrar está ligado também à interpretação de experiências humanas no sentido de compreendê-las cognitivamente e afetivamente.

Ao proporcionar um intercâmbio entre pessoas idosas e crianças, pretendo oportunizar trocas de afeto e experiências, com o objetivo de promover histórias de vida e contribuir para a ampliação de repertórios culturais e visuais.

Creio que a partir das características das histórias contadas pelos sujeitos colaboradores da pesquisa, a narrativa me dará subsídio para abordar questões ontológicas e epistemológicas que irão ajudar “a compreender e explicar como práticas culturais, sociais e visuais marcam a trajetória e a subjetividade dos indivíduos, seus modos de perceber, interpretar e narrar” (MARTINS E TOURINHO, 2009, p. 2) ideias, conceitos e acontecimentos.

Ouvir narrativas então, não é apenas validar a importância da oralidade ou valorizar a contribuição da memória de pessoas idosas, é ressignificar representações construindo novas visualidades.

Desta forma, ao pensar infância e velhice como universos que se complementam, a narrativa como método, irá criar pontes para a construção de sentidos, que além de valorizar as histórias individuais possibilitarão o encontro e a construção de novas histórias sociais e coletivas.

Nota

¹ Pesquisa orientada pela Professora Doutora Carla Luzia de Abreu. Inserida na linha de pesquisa Culturas da Imagem e Processos de Mediação do Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (PPGACV) da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

² O Popular é um jornal impresso que circula em todo o estado de Goiás.

³ Tese de Doutorado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (PPGACV) da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG) inserida na linha de pesquisa Culturas da Imagem e Processos de Mediação.

⁴ COVID-19 é uma doença altamente infecciosa causada por um tipo de coronavírus que levou as populações de vários países a se distanciarem socialmente.

Referências

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velho**. 3ª ed. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Lenísia; SMITH, Vivian; SPERB, Tania Mara; PARENTE, Maria Alice. Narrativas intergeracionais. In: **Psicologia: reflexão e crítica**. Porto Alegre. Vol. 19, n. 1 (jan./abr. 2006), p. 98-105. 2006.

CHASE, Susan E. Investigación narrativa. Multiplicidad de enfoques, perspectivas y voces. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Org.). **Métodos de recolección y análisis de datos. Manual de investigación cualitativa**, vol. IV. Buenos Aires, Gedisa, 2015.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Cultura visual e Infância**. REUNIÃO DA ANPED, v. 31, p. 102-132, 2008.

ESTEBAN, Maria Paz Sandín. Bases conceituais da pesquisa qualitativa. In: **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e tradições**. Tradução de Miguel Cabrera. Porto Alegre: AMGH, p. 122-144, 2010.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed. **Links**, 2009.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Infância e Velhice: desafios da multiculturalidade. In: **Infância e Velhice: pesquisa de idéias**. Campinas-SP: Editora Alínea, p. 15-32, 2003.

MARTINS, Alice Fátima. Da educação artística à educação para a cultura visual: revendo percursos, refazendo pontos, puxando alguns fios dessa meada. In: **Educação da cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa**. 1ª ed. Santa Maria: Editora UFMS, 2009, v. 1, p. 101-117.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. Pesquisa narrativa: concepções, práticas e indagações. In: **Anais do II Congresso de Educação, Arte e Cultura** - CEAC. Santa Maria. 2009. p. 1-12.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3. ed. São Paulo: Summus.1979.

MELO, Dilma; MURPHY, Shaun; CLANDININ, D. Jean. Introduzindo a investigação narrativa nos contextos de nossas vidas: uma conversa sobre nosso trabalho como investigadores narrativos. In: **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica**, v. 1, n. 3, p. 565-583, 2016.

OLIVEIRA, Wolney Fernandes. Saberes-fazeres cartografados à partir das memórias do meu avô. **Tese de Doutorado**. UFG. FAV. PPGACV. Goiânia, 2016.

SANTOS, Silvia Maria Azevedo dos. Infância e Velhice: o convívio que nos abre caminhos. In: **Infância e Velhice: pesquisa de idéias**. Campinas-SP: Editora Alínea, p. 47-56, 2003.

VALADARES, Ione Maria de Oliveira. (org.) **Histórias populares de Jaraguá**. Goiânia: Centro de Estudos da Cultura Popular, UFG, 1983.

Nara Mendes Moreira

Professora da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás e graduada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. Contato: pronaramendes@gmail.com